



Enganante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O SALAZARISMO FOMENTADOR DO MERCADO NEGRO

O GOVERNO anunciou a grande ofensiva contra o mercado negro. Essa ofensiva traduziu-se na prisão de pequenos comerciantes e lavadeiras e na apreensão de enormes quantidades de produtos. O que é que o governo procura desviar as atenções dos verdadeiros responsáveis das escassezes, da alta dos preços e do mercado negro, que são os senhores dos Grêmios, e furtas. Procura lançar o ódio popular, não contra o governo e organismos corporativos, mas contra os pequenos comerciantes e produtores. Procura também impedir que o pequeno produtor fuja de entregar aos Grêmios e a baixo preço os seus produtos para depois os ter de comprar a altos preços. Vê-se assim que a ofensiva contra o mercado negro não se dirige contra os grandes acumuladores e especuladores fascistas, mas contra o povo em geral. Basta ler os jornais para ver que os reis do mercado negro reúnem com o capitão Silva Pais para orientarem a luta contra o "mercado negro". Os casos de Vila Real e Polares, em que os próprios homens da Intendência tiveram de aparecer ao público como caudugueiros

» — pag. 3

Salazar sujeita a Nação ao vexame e ao isolamento

A ONU VOTOU CONTRA SALAZAR

Por um novo governo e uma nova política

O CONSELHO DE SEGURANÇA da ONU, rejeitou o pedido de admissão de Portugal. Por quê? Porque Portugal é governado pela camarilha salazarista que antes e durante a guerra auxiliou Hitler, que auxiliou e auxiliou Franco, que entregou Timor aos militaristas japoneses, que condena o povo português a mais feroz ditadura fascista. Esta foi a razão por que Portugal não foi admitido na ONU.

Salazar diz agora, na sua ofensiva de 4 de Setembro, que não está apressado de não entrar. A verdade é ter já o poder comprar a sua admissão na ONU a troco de concessões imensas para a nação, feitas à Inglaterra e Estados Unidos, entre as quais: a entrega efectiva à Inglaterra do comércio externo das conservas (assim como de outros produtos); o acerto monetário que salda publicamente a dívida incelsa a Portugal; a entrega das bases dos Açores, a dívida de 25.000 contos do que faz falta ao estatuto do povo para as campanhas pretensamente humanitárias da UNRRA. Salazar entrega os seus embaixadores e diplomatas aos fomentadores de guerra para seus manobras e conspirações. Mas todos estes e outras concessões rui-

nas que roubam a independência ao país e o encaixilham para perigosas aventuras, não foram bastantes para que Salazar entrasse na ONU. Apesar do auxílio desesperado que lhe foi prestado pela reacção mundial (a quem está pagando tão bem), Salazar foi rejeitado pela ONU.

A citada nota oficial diz que o voto da URSS era esperado. Porque foi então feito o pedido? A mesma nota diz que não se supunha que o Conselho de Segurança se pudessem usar o veto pois a competência para a admissão é exclusiva da Assembleia. Isto é deitar poeira nos olhos. O art. 4, n.º 2, da Carta das Nações Unidas estipula expressamente que a admissão será efectuada por decisão da Assembleia. Foi só o RECONHECIMENTO DO CONSELHO DE SEGURANÇA, isto quer dizer que Salazar contava que a Inglaterra e os Estados Unidos levassem a URSS a ceder na admissão do regime salazarista e não como agora diz.

Mas a URSS e a Polónia só podem prestar um serviço à acção portuguesa e à paz do mundo. Como salubram o número anterior do "Avante!", a admissão de Portugal na ONU, nas circunstâncias actuais, fortalecerá o domínio fascista, aumentará a exploração e o terror e levará o país para o caminho de concessões ruinosas e da perda da independência. A não admissão, cria condições favoráveis para uma modificação da política portuguesa num sentido democrático e patriótico, e que será a base em que poderá assentar a entrada de Portugal na ONU.

O VOTO DA ONU NÃO FOI CONTRA PORTUGAL: FOI CONTRA SALAZAR. Se no governo existissem homens honrados, democratas sinceros, que libertassem Portugal do terror fascista e da tutela estrangeira, que libertassem o povo do passado pro hitleriano da política salazarista, Portugal teria hoje um lugar na ONU. Salazar no poder sujeita a nação ao vexame e ao isolamento no mundo democrático.

OS INTERESSES DE PORTUGAL

» — pag. 3

Bento Gonçalves

O GRANDE PATRIOTA ASSASSINADO

EM SETEMBRO DE 1942 — faz agora 4 anos — morreu no Campo de Concentração do Tarrafal o Secretário Geral do Partido, Bento Gonçalves. Para ali o mandou o governo salazarista com o fim premeditado de o aniquilar com os maus tratos, o clima, a doença inevitável.

Com a morte de Bento, perdeu Portugal um dos seus mais valiosos filhos e perdeu o nosso Partido o seu dirigente, considerado e amado. O nome de Bento perdurará como o dum clarividente militante operário e dum patriota inflexível. Bento lutou incansavelmente pela união dos democratas para salvar Portugal do fascismo. Bento lutou com firmeza contra os inimigos da unidade do Partido e por duas vezes, em 1929 e 1940, as suas directrizes levantaram o Partido do alismo a que o condiziam trocistas e provocadores. Toda a vida de Bento é um exemplo de abnegação, de firmeza, de modestia e simplicidade, pelo qual os comunistas portugueses se orgulham e se guiam.

Prestemos um homenagem a Bento Gonçalves, intensificando, neste 4.º aniversário da sua morte, a luta pela extinção imediata do Tarrafal, onde sofreu durante 6 anos, onde foi assassinado e onde ainda hoje 39 bons portugueses se encontram condenados à morte lenta.



«Impõe-se uma política verdadeiramente nacional, ditada pelos interesses do país. Impõe-se o estabelecimento de laços relações com a Inglaterra e os Estados Unidos que não sejam de subversão e de colonização de Portugal. Impõe-se o estabelecimento de relações diplomáticas com a URSS e um intercâmbio económico e cultural. Impõe-se uma luta solitária com a França. Impõe-se o restabelecimento das relações com a Checo-Eslávia e relações amistosas com a Itália. Impõe-se uma política de amizade com o povo brasileiro e que cesse a acção conspiratória do salazarismo no Brasil. Só com estas condições, Portugal, que pela política anti-nacional de Salazar colaborou com Hitler na guerra, pode reconquistar a confiança e a amizade dos povos do mundo e ter um lugar honroso na comunidade das nações.»

(Do Informe Político do CC ao 2.º Congresso Geral do PCP)

As lutas da classe textil

A indústria textil é uma das mais florescentes do nosso país. Os industriais arrecadam lucros fabulosos, como o C.² do Rio Ave que no ano passado arrecadou um lucro líquido de 5 mil contos. Entretanto a classe operária desta indústria tem um contrato colectivo que a condena a maior miséria.

O governo protege os capitalistas procurando não fazer a revisão deste contrato. Mas os operários textéis do Norte cataram na luta. Desde Fafe à Vila do Conde, seguindo os rios Vize-la e Ave, está concentrado grande número de fábricas textéis que comportam mais de 30.000 operários e operárias. Estes operários acorrem em massa nos sindicatos forçando os seus dirigentes a duvidarem se o governo e exigindo providências ao INP. As suas reivindicações são as seguintes: 1.^o aumento imediato de salários; 2.^o aumento

dos géneros do racionalismo e que este seja distribuído a tempo e horas. Em Fafe uma grande concentração operária forçou o sindicato a enviar uma exposição ao delegado do I. N. T. na qual se pedem providências. Em Julho e Agosto, concentrações no sindicato de **Dulães**, exprimiram a vontade de mais de 15.000 operários. Em **Vila do Conde**, uma grande concentração obrigou o sindicato a oficial para o delegado do INP, declarando que as quase tota idade dos operários do C.² do Rio Ave (quase 1.500), reclamou providências deste organismo.

A todas estas lutas o governo e o patronato não dão qualquer resposta. Esse desprezo e desinteresse provam que o governo não procura solucionar o problema e **ter-não o inteiramente responsável pela agudização da luta**. Os operários textéis desta importante região industrial encontram o caminho certo para a luta a conquista das suas reivindicações. A luta e a Unidade da classe são o factor fundamental da vitória. Impõe-se a continuação e a união da luta em escala sempre crescente. Que se formem **Comissões de Delegados e Delegadas de cada Fábrica, Localidade e Região**. Concentrações e assembleias nos sindicatos! Que estes sejam as casas onde os operários se juntem e tomem resoluções para a conquista das suas reivindicações. Que as **Comissões de fábrica**, sempre apoiadas nos operários, exijam aos patrões aumento imediato de salários. Nada de ficar a espera do novo contrato pois o governo fará tudo para o retardar. Que as **Comissões Locais e Regionais** exijam a autoridade dos locais aumento do racionalismo, aos delegados do INP e ao próprio Sub-secretário, a revisão imediata do contrato colectivo. Não permitir a publicação doutro sem a aprovação da classe. Que cada categoria diga quanto precisa para viver e se não permita a formação duma «Comissão técnica com lacaios dos patrões».

Que os **textéis do Porto comecem também a sua luta, juntando-se aos do Minho, na LUTA COMUM por uma vida mais farta e mais feliz.**

Romagem à campã de ALEX

No mês de Julho, um grupo de democratas fez uma romagem à campã de Alfredo da Assunção Denis, Alex. Alguns usaram da palavra lembrando o herói da revolução de 1910 e o Patriota. Outros disseram que a palavra evocava o espírito de luta e abnegação, nos inspire e sirva de estímulo, na luta contra o fascismo, por uma verdadeira democracia e pela emancipação geral dos trabalhadores da nossa Pátria. Glória eterna ao camã Alex e a todos aqueles que tomaram na luta.

da pag. 1

→ A ONU

RECLAMAM UMA RÁPIDA MUDANÇA NA POLÍTICA PORTUGUEZA. Reclamam uma viragem real para a democracia, uma completa viragem na política externa, com estabelecimento de laços fraternos com todas as nações e, em especial com a URSS. Não é reforçando o aparelho repressivo, recrutando centenas de agentes para a banda de gangsters da PVDE prendendo dirigentes do MUD, proibindo as eleições sindicais, mantendo o Tarrafal; não é massacrando os trabalhadores que reclamam paz, nem remodelando a União Nacional, governos civis e militares com falsas eleições; não é fazendo propaganda com promessas de subsídios, melhoramentos, vitórias militares, condecorações e festas; não é desviando as atenções do povo para a volta a Portugal em bicicleta, Feira Popular, Feira do Bacalhau, etc., não é fustigando uma repressão ao «maquedo negro» que outra coisa não é que uma tentativa de aliar reacções burguesas para os pequenos comerciantes e produtores e uma defesa dos grandes candongueiros fascistas dos Grêmios, Federações, Juntas, etc.; não é preparando novas mascaradas de eleições com partidos políticos fúnieches; não é es-

cravando os povos coloniais e entregando-os à rapina do internacionalismo; não é conduzindo uma feroz campanha anti-soviética e contra os jovens democratas; não é conspirando contra as liberdades do Povo Brasileiro e ajudando Franco; — não é desta forma que se defendem os interesses da nação. **A permanência da Salazar no poder só pode ser funesta para o futuro do país.** Urge a instauração dum governo de portugueses honrados que ensinem Portugal para a Democracia e o convívio das nações.

Quantias recebidas — dos Amigos do Partido —

A. C.	71.500	Transp.	6.851.560
A caminho da	—	Mais um	4.600
Vilória	25.500	Idem	4.600
A. F. C. A. (M)	50.500	Manceas	19.550
Alameda para	7.500	Idem	6.500
Idem	5.500	Manceas B.	120.900
Alameda para	50.500	Manceas (AM)	14.550
Idem	—	Mauel Vieira	—
Idem	25.500	Tomé	42.550
Ant. guerra	30.500	Idem	78.500
Arcoher	10.500	Marat	10.500
A sombra	13.500	Mania Machado	50.500
Baterista	6.500	Idem	33.550
Idem	6.500	Marinha Ver.	5.500
Barrouse	33.500	Manceas (AM)	33.500
Barnam	—	Marteiro Ver.	25.550
Chama Ver.	17.550	Matilha	10.500
C. M.	20.500	Idem	50.500
Caetano	8.500	Minhoto Ver.	20.500
Costa	21.500	Natacha	5.500
D. K.	5.500	Novatipo	—
D. P.	2.500	(Dulz)	300.500
De Frente	100.500	Novo Audio	10.500
Idem	78.500	Idem	55.500
Idem	70.500	N. B. (AL)	70.500
Idem	4.550	N. B. (AL)	28.500
Dinamite	60.500	Oferta	20.500
Diognos(?)	5.500	Os Mágicos	20.500
Do Am. J.	42.550	Outino	30.500
Dois	16.500	Paulina V.	6.500
Dos Amigos	5.500	Idem	35.500
Idem	20.500	Para Amigos	—
E. N.	22.550	do Tarrafal	412.500
Ex.	5.500	Pela camã, Ma	—
F. A.	20.500	ria Machado	282.500
Faria Borda	20.500	Pires Jorge II	10.500
Ferreira	48.500	Ponences	30.500
Festa	300.500	Ponences	27.500
Idem	60.500	Pró Demo-	—
Idem	25.500	cracia	100.500
Idem	30.500	Idem	50.500
Fountain	25.500	Produto ren-	—
Fremio(?)	20.500	da «Ava»	20.500
G. P.	5.500	Pró Nova	—
Graço	10.500	Tipo	407.550
Gr. Amicor	20.500	Punho V.	50.500
Gr. Jovens	—	Pudley	17.500
Unidos	18.500	Rato X	6.500
Il. Barbuse	117.550	Revolução	—
Jakra	15.500	Vermelhos	25.500
Idem	26.500	Revolução	25.500
Idem	15.500	Revolução em	—
Idem	12.550	marcha	78.500
J. R.	15.500	Idem	17.500
Janor	8.500	Idem P.	15.500
João Martins	200.500	Roberto Stam	500.500
Idem	300.500	Roneseder	31.600
João Romão	20.500	Salvador Cruz	38.500
Labor	20.500	Idem	107.550
Labor II	20.500	Idem	100.500
Lentes Verm.	500.500	Idem	70.500
Leque Verm.	80.500	Idem	120.500
Lobo d'Albreu	20.500	Sempre	—
Lovayova	100.500	Avon P.	25.500
Idem	100.500	Sempre fir-	—
Idem	100.500	sues (S)	100.500
Idem	171.550	Sfar	29.500
Idem	72.500	Idem	15.500
Idem	96.500	Idem	16.500
Luis Vera	7.500	Idem	22.550
Luta Contra	—	Silva	5.510
do fascismo	400.500	Sociedade	—
Ludovos	100.500	m Gomes	171.500
Idem	45.500	Idem	658.000
Idem	80.500	Idem	20.500
Idem	123.550	Idem	108.000
Idem	14.500	Staline	5.550
Machuca	60.500	S. Viarques	4.800
Miguel	39.510	Idem	616.000
Idem	45.500	Idem	17.500
Mais com	5.500	S. (e meses)	200.500
A transp. G. S. R.	—	TOTAL	11.880.520

Nota: — Recebemos do EAM, Faria Borda e Gabriel Pêlo objectos q. não especificamos.

GRANDE
VITÓRIA

AVANTE!

3

DOS CAMPONESES DO ALENTEJO

Conforme o "Avante!" tem noticiado, havia meses que milhares e milhares de camponeses se viam movimentando na luta pelo aumento de salários, mais gêneros melhores condições de vida. Por mais de cemcentos nas Casas do Povo e de abaixo-assinados com milhares de assinaturas, e ainda pela greve, os camponeses de Redondo, os valentes camponeses do Alentejo conseguiram ver parte das suas reivindicações atendidas, obrigando os fascistas do corporativismo salazarista a tomar algumas medidas.

As lutas camponesas de S. Manços, Montalto, Machado, Évora, Argilhella, Redondo, Montemor, Reguengo, St. Suzana, Portel, Monte do Trigo, Torre, Valongo, Fáticóira, etc, além de terem dado aos trabalhadores alentejanos uma boa parte das suas reivindicações, foram a escala que forjou a unidade de luta entre os camponeses. Este treino de luta e esta firme unidade foram armas preciosas nas mãos dos camponeses na época das eleições. As eleições de 1946 encontraram uma grande parte dos camponeses do Alentejo fortemente unidos e dispostos a luta para impor e defender salários compensadores.

Com a aproximação das eleições, com a aproximação duma época de trabalho intenso no campo, os fascistas, protegendo os grandes açorários logo se apressaram a publicar portarias fixando salários baixos e impondo medidas restritivas para todos aqueles que não empuissem tais medidas. Contra isto levantou-se a grande massa dos camponeses do Alentejo. Camponeses e muitos lavradores fizeram de conta que não existia a tabela oficial e concertaram entre si os salários, apesar de todas as ameaças de represália. E os grandes lavradores (a maioria) que estavam arreliados à tabela oficial tiveram que pagar os salários exigidos pelos camponeses.

Em Montemor-o-Novo, as autoridades ainda entraram pelo caminho da repressão para com os pequenos lavradores, prendendo alguns que se recusaram a pagar os impostos que tinham de pagar. Mas perante a atitude firme destes e dos outros lavradores e da não menos firme atitude dos valentes camponeses desta região, da região de Germano Vidigal (o grande defensor do povo, assassinado pela PVDE), que se não dispunham a trabalhar pela tabela imposta, as autoridades fascistas foram obrigadas a recuar.

Em Estremoz, um grupo de camponeses, contratados pelo Assalto Fernando de Sousa, depois de estarem no campo, verificaram que só recebiam 12 e 16.000 respectivamente (mulheres e homens) e recusaram-se a trabalhar, exigindo que nos pagam o que os outros, ou então pensem aqui caros peões transportar de novo a colheita.

A firme atitude dos camponeses obrigou o fascista a pagar-lhes o que exigiam. Na freguesia de Arcos (Estremoz), perante a massa e firmeza dos camponeses que se recusaram a trabalhar por 17.000, todos os proprietários tiveram que pagar os seus dívidos aos camponeses. Da mesma forma, em S. Lúcia (Adeia) os proprietários foram obrigados pela unidade dos camponeses (greves de trabalho durante uma semana) a pagar a 35.000 e não a 25.000. Em Torrão do Alentejo, ao começarem as eleições, uma das maiores casas da região (a Casa Gil-Hamon os trabalhadores não cedem isto, não ficando obrigados. Quando chegou o salário foi-lhes entregue a quantia equivalente a 11.500 dígitos. No dia seguinte os camponeses foram à praça e, com todos os camponeses da terra, começaram não trabalhar por menos de 30.000. Os patrões viraram-se a pagar os 30.000, oferecendo-lhes algumas quantias, que os camponeses não aceitaram. Passaram-se os primeiros dias da semana e como os camponeses se mantivessem firmes e unidos, os patrões us-4.ª feira, não tive-

ram outro remédio senão pagar os 30.000 por dia, abdicado além disso emulho para os camponeses das terras próximas se recusarem também, daí para o futuro, a trabalhar por menos de 30.000. Em Viana do Alentejo cerca de 150 trabalhadores negaram-se a trabalhar por 30.000. Pediram como mínimo 30.000, ao que os patrões tiveram que ceder, pedindo depois mais e mais, alcançando algumas pagas, jornas de 65.000. E assim, em quase todo o Alentejo, os salários oscilaram entre 35.000 e 50.000, chegando algumas casas a atingir 65.000, de nada valendo a tabela e a vontade de alguns grandes lavradores fascistas.

CAMPONESES DO ALENTEJO!

Pelas vossas lutas anteriores, pe-

A classe operária contra a exploração

Segundo as palavras de ordem do Partido Comunista, a classe operária não dá descanso ao patronato fascista. Intensificando as lutas nas empresas (concentrações, paralizações de trabalho, comissões) e nos sindicatos.

As lutas dos operários de cortumes de Alcanena, através das quais conseguiram um aumento de salários superior a 20%, e a fixação de categorias, as lutas dos operários da fábrica de cortumes da Apelação, que obrigaram os patrões a um aumento de 1.500 e 2.000 para mulheres e homens; a luta dos aprendizes da C. Nacional de Navegação, cuja Comissão finalmente conseguiu aumento para todos os aprendizes; a luta dos operários da União Vidreira, que levaram os patrões a aumentar, primeiro 2 e depois 3 a 5 escudos; as lutas dos operários da C. P.

através do sindicato, duma concentração e expostos até agora pela sua comissão as lutas dos operários da Fábrica do Alentejo, que por meio de concentrações junto do patrão, trabalhando "ao ralenti" (de vagar) e diminuindo a produção em 50%, conseguiram aumento de 2.000 os homens e 1.500 as mulheres; a luta das operárias da Fábrica de Jata de Alhandra exigindo maior auxílio da Comissão de Trabalho, pela qual obtiveram medicamentos, auxílio de 7.500 as mulheres doentes, posto médico, tratamentos e radiologia—são exemplos a seguir por todos os trabalhadores.

É necessário que em todas as fábricas e oficinas os operários continuem a exercer Comissões de Unidade e as transformem em COMISSÕES PERMANENTES. Que as comissões das fábricas e das oficinas da mesma localidade, duma mesma região, duma mesma indústria, unifique a sua acção formando Amplas Comissões de Delegados Operários para dirigirem a luta na localidade, região, indústria.

repetem-se as escandalosas da nação em todos os organismos corporativos que não cede o governo.

Os verdadeiros fornecedores do mercado negro, os responsáveis pela escassez. Não hec: o compreender o nosso povo que por todo o país se multiplicam as lutas que só por falta de espaço não publicamos neste nº.

Falta o azeite, mas a Junta Nacional das Frutas exporta 1.500.000 quilos de azeitona e grandes quantidades de azeite. Falta o toucinho e o carne, mas a Junta da Pecuária, comandada pelo grande fabricante de presuntos, salicórnica e farnados, Isidoro, devia toda a carne para a sua indústria, exportando-a depois em grandes quantidades.

Falta o peixe, mas os organismos corporativos recebem a venda para o mercado negro, prejudicam a venda em outros países que vendem de parte em parte e abafam pela violência as reclamações das valentes peixeiras alentejanas.

Estes exemplos podem multiplicar-se. Nas mercearias ficam durante meses os gêneros que lhes dão lucro e não os distribuem. Depois disso os gêneros aparecem no mercado negro. Quem os distribui são os organismos corporativos? Por dentro desta acção do corporativismo está

MERCADO NEGRO

(da pág. 1)

o próprio governo e a sua política. O governo tem sido incapaz de tomar medidas para a produção, por um abastecimento do mercado e a baixa do custo de vida e toda a sua preocupação é aumentar os lucros dos grandes capitalistas à custa do povo e ganhar ao estrangeiro um apoio para se manter no poder a troco de concessões prejudiciais ao povo e à nação. O povo cala-se e a nação governa com 25.000 contos para o auxílio aos pobres famintos doutros países! Falta o milho para o pão e diz-se não haver barcos para o trazer das colónias, mas o governo faz exportar de Angola para a África do Sul 40.000 ton. em barcos nacionais.

É necessário que em todos os pontos do país e em todas as regiões, em todas as indústrias, GRÊMOS FEDERAÇÕES, INTER-SINDICATOS E JUNTAS, contra o mercado negro e denuncie publicamente os verdadeiros culpados. Que os pequenos produtores resistam às reivindicações e o povo se oponha à saída do milho e do trigo das suas terras quando deles precisam. Por toda a parte, junto das autoridades e organismos corporativos, o povo deve exigir a firme distribuição dos gêneros, o aumento das quantidades, a sua distribuição regular e que o bastimento do mercado seja a sua grande

GRANDE
VITÓRIA

OPUSERAM O VETO

à admissão da Albânia

ANTES da guerra, os estados balcânicos eram estados semi-colónias dominados pelo imperialismo. O capital estrangeiro (alemão, inglês, americano, francês, italiano) dominava os países e explorava-os. Os imperialistas não podem resignar-se a que os movimentos libertadores nos povos balcânicos e a ajuda que lhes prestou o Exército Vermelho e lhes presta a URSS os conduzam para a democracia e para a independência. Querem manter os seus privilégios e, com esse objectivo, apoiam os restos da reacção e do fascismo no Balcãs, fomentando complicações internacionais. Exigem a internacionalização do rio Danúbio e a liberdade de navegação, como se os estados danubianos não pudessem resolver por si essa questão. Amaram a Grécia, a Itália, a Jugoslávia, a Roménia, a Bulgária. Protegem abertamente os fascistas neozapatistas. Levam ao poder, à custa de terror, de assassinatos, de falsificações, a monarquia fascista grega odiada pelo povo. Como, porém, os Balcãs, as democracias se consolidam, o imperialismo investe contra o estado mais pequeno e mais fraco: a Albânia, que combate heróicamente o invasor fascista e controla hoje uma progressiva democracia. Nega o reconhecimento da democracia albanesa, afirma as pretensões territoriais dos fascistas gregos contra a Albânia. A Inglaterra vai mesmo da sua religião com o povo albanês, sob o pretexto de relações amigáveis. Tudo isto tende a camuflar a República albanesa, levando de novo ao poder a reacção e o fascismo, que entreguem a Albânia ao imperialismo estrangeiro, abrindo assim a este uma nova testa disponível nos Balcãs (a outra é a Grécia), para a sua perseguição, para as ofensas e subversões. Foi este propósito belicista de desmantelar a jovem Albânia que levou o sbico anglo-saxónico a opôr o seu veto à admissão da Albânia na ONU, apesar dos votos favoráveis dos outros estados.

PORQUE É QUE A U. R. S. S. OPÔS O VETO

à admissão da Tranjordânia

A Tranjordânia é um emirado árabe formado em 1921 com a permissão da antiga Inglaterra e posto sob mandato pela Sociedade das Nações em 1922. Está situada numa região semi-desértica e tem uma baixa população. Sendo economicamente uma região pobre, estrategicamente é de primordial importância como ligação aos possesões britânicas no Mediterrâneo e Iraque, que se estendem ao Golfo Pérsico. Em Março, a Inglaterra assinou um tratado com a Tranjordânia, garantindo-lhe uma independência aparente, procurando assim criar-lhe condições para lhe dar entrada na ONU e contar com mais um voto para levar a cabo a sua política imperialista. No entanto, a Tranjordânia necessita a independência à Tranjordânia, mas ainda mais ao imperialismo inglês, que continua controlando a sua política externa, as suas finanças, reservando para si o direito a concessões, a manutenção de forças armadas, o direito de declarar a lei marcial e de ter oficiais britânicos na administração do emirado. A Tranjordânia transformou-se assim numa verdadeira base militar da Inglaterra. Assim a Inglaterra e os círculos reacçãoários procuram no emirado da Tranjordânia tropas permanentes, entre as quais 40.000 polacos mercenários, recrutados entre os elementos fascis-

A CONFERÊNCIA DA PAZ e do trabalho do Conselho de Segurança na ONU têm mostrado algumas tendências altamente prejudiciais à cooperação entre as nações e para a paz. Um dos principais que decorrem da ONU da extinta Sociedade das Nações é a exigência da **unanimidade de decisões** das grandes potências para qualquer acção importante da organização internacional. Esta exigência significa que as grandes potências (os 5 membros do Conselho de Segurança: Inglaterra, América, URSS, França e China) devem discutir as questões, fazer transacções mútuas, de forma a chegarem a um acordo. Significa também que o direito de VETO (ou seja o de uma das potências se opor à realização duma decisão da maioria) é imprescindível. A unanimidade e o veto viziam impedir a formação de blocos pelos quais um estado pretenda, por maioria, impor a sua vontade a outros estados. Isto mostra como a unanimidade de decisões é uma orientação justa, para levar as nações a chegarem a acordos pacíficos.

Mas na Conferência da Paz e no Conselho de Segurança tem-se mostrado que há estados pouco satisfeitos com a Carta das Nações Unidas, com o sistema da unanimidade e do veto e que desejam impor a sua vontade nos outros estados. A Inglaterra e os E.U. formam claramente um bloco contra a URSS e, por maioria, pretendem ferir os interesses soviéticos e dos países mais democráticos. Erros e vícios da SDN voltam a repetir-se. Através de a solução do caso espanhol; comentou-se e argumentou-se uma pretensa "questão persa"; os anglo-saxões, ao mesmo tempo que protestam contra o veto soviético à admissão de Portugal fascista, da Tranjordânia, colónia inglesa e do Eire reacçãoário, não falam do veto anglo-americano à admissão da Albânia democrática e da Mongólia

tas do exército anti-soviético e anti-polaco do general Anders.

Nestes conflitos, o emirado da Tranjordânia representa um perigo para a independência dos povos árabes e para a paz no Médio Oriente. Compreende-se assim que a URSS tivesse oposto o seu veto à entrada da Tranjordânia na ONU.

A vida e a luta do povo português NA IMPRENSA ESTRANGEIRA

A propaganda salazarista esforça-se por mostrar ao povo português que, no estrangeiro, toda a imprensa tece louvores ao Estado Novo. A verdade é que, embora haja ainda lá fora muita incompreensão, a situação portuguesa e as lutas do nosso povo começam a ser conhecidas, por intermédio da imprensa e das organizações progressistas. Começamos neste n.º a publicar notícias a este respeito.

o «Classe Operária», órgão central do Partido Comunista da Inglaterra, publicou várias notícias sobre o movimento anti-fascista em Portugal, entre as quais um artigo sobre Bento Gonçalves e outro sobre a conduta heroica da camarada Maria Machado, extralados do «Avante!».

A luta dos povos livres CONTRA O IMPERIALISMO

Populares protestam contra os pedidos soviéticos de reparações à Itália, ao mesmo tempo que forçam esta a gastar com as forças de ocupação a soma astronómica de 420 milhões de libras (fins de 1945).

A este manuseio na ONU, que só poderá ser fatal para a cooperação internacional, corresponde uma campanha de mentiras e calúnias contra a URSS e as jovens democracias da Europa. E procura também intimidar-se. A diplomacia atómica é uma arma dos militaristas norte-americanos que sonham com o domínio mundial pelos Estados Unidos. Esquecem que a URSS tem força bastante para se não deixar intimidar. E a Jugoslávia, rejeitando o ultimato americano, mostrou a decisão das jovens democracias.

Com tais acções e campanhas procura desviar-se a atenção dos povos do mundo do aproveitamento da exploração colonial e do domínio imperialista. No Índia, a Inglaterra provoca a divisão e a guerra civil para enfraquecer as forças nacionais e poder continuar negando a independência. Na Palestina, ataca a guerra entre árabes e judeus. No Egipto, a ocupação permanece, apesar de todas as promessas. A Tranjordânia, diz-se uma "independência" que não é mais do que uma pretensão para tornar uma base militar inglesa. Na Síria, no Líbano, as tropas continuam. Na Grécia, impõe-se com sangue e falsificações eleitorais o regime odiado do rei Jorge. Na China, armam-se as tropas de Chang-Kai-Shek e atacam-se a guerra civil. Na Indonésia, atacam-se as forças da República. Ingleses e americanos apóiam a reacção em todo o mundo, em Espanha como em Portugal, na Europa Oriental, como nos países árabes e no oriente.

A URSS e os povos que na ONU levantam a voz em defesa da democracia e da liberdade das nações sofrem naturalmente ataques dos imperialistas e seus aliados coloniais. Nisso são apoiados por todos os fascistas subversivos, por todas as forças obscuras da reacção mundial.

A vontade da reacção tenta lançar uma cruzada contra a URSS e a Europa oriental. Porém, como disse Stáline, há milhões de homens simples que veem pela causa da paz. Os povos simples e os povos das forças democráticas. As recentes eleições checo-eslovacas, em que os comunistas foram os grandes vencedores com 80% de todos os votos na Boémia e Morávia e 30% na Eslováquia, e que levou os comunistas ao comando do ministério na antiga Checoslováquia, e a vitória socialista na República da França, e a vitória socialista na República da Polónia, e a vitória comunista em que o Partido Unificado dos trabalhadores alemães teve a maioria absoluta, constituem mais comprovações dos desejos dos povos. E a true reacçãoária Him-Daniel Mayer do Partido Socialista Francês, que tem negado a unidade com os comunistas e conduz uma política anti-soviética (e que costea uma lista de centenas de milhares de votos no P. Socialista nas eleições de 2 de Junho) teve uma amostra da vontade dos filiados do Partido, quando, no Congresso deste mês, foi reprovado o informe político feito por D. Mayer.

O imperialismo e a reacção defrontam-se, a decisão e o combate dos homens simples, dos povos simples, da independência e da paz. E por isso a democracia continua caminhando no mundo.

A UNIDADE FORJA-SE NA LUTA